

30 ABR 1992

Túnel da recessão

CORREIO BRAZILIENSE

Jota Alcides
Editor-Chefe

Econom. Brasil

Depois de estancar o progressivo pessimismo que lhe abalou tremendamente, desde o primeiro semestre de 1990 até o final do ano passado, em função de frustrações impostas pelos efeitos dos Planos Collor I e II, com choques e congelamentos que não atenderam às expectativas dos brasileiros e com os sacrifícios de todos exigidos pela recessão, o País voltou a exibir confiança nos últimos quatro meses, acreditando no rumo certo da economia. Mas, as perturbações no mercado financeiro esta semana mostram, claramente, quanto é difícil e demorada, missão de paciência e persistência, a reconstrução da credibilidade do Governo diante de uma sociedade extremamente vulnerável por tantos problemas sociais acumulados e multiplicados pela crise econômica.

São reais ou apenas especulativas as razões para nova onda de inquietação? De acordo com as mais recentes avaliações e estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), prestigiado órgão do Ministério da Economia, os quatro por cento de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), de abril de 1991 a março de 1992, significam que a economia brasileira já atravessou os piores momentos do túnel da recessão e agora, após razoável período sem ser submetido a tratamentos de choques, que sempre tumultuam e paralisam o parque industrial e produtivo, o Brasil está entrando numa fase de lenta e gradual recuperação acompanhada de lenta e gradual queda da inflação.

Essa pequena luminosidade indicadora de que pode estar próximo o fim do túnel da crise parece confirmada nas últimas horas pelos levantamentos anunciados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): o ritmo da inflação está diminuindo, vagarosamente, mas diminuindo, tendo registrado em abril, que termina hoje, índice

de 19,83 por cento, abaixo dos 22,03 por cento de março, dos 26,10 por cento de fevereiro e dos 25,6 por cento de janeiro. Os alimentos, que sempre estão pesando mais no bolso dos consumidores, apresentaram em abril uma elevação de 18,90 por cento, ficando 4,11 pontos percentuais abaixo do índice de março, que foi de 23,01 por cento. Ou seja, a inflação evidencia uma tendência de desaceleração.

Outro indicador importante do IBGE é a taxa de desemprego que em março foi de 6,14, registrando ligeiro declínio em relação a fevereiro que marcou 6,36 por cento. Há sinais de recuperação no mercado de trabalho das seis principais regiões metropolitanas do País: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre. Assim, os números oficiais, tanto do IPEA como do IBGE, revelam que as condições econômicas estão melhorando, sendo motivo para reação positiva e otimismo moderado. Embora pesquisadores econômicos mantenham precauções, avaliando que o Brasil não conseguirá cumprir a meta de 280 por cento de inflação este ano prometida ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e até estimem uma inflação acumulada de mil 200 por cento ao final de 1992, a verdade é que até pessimistas militantes já acreditam num pequeno crescimento da economia brasileira nos próximos meses.

Entretanto, o País está diante de um desafio talvez maior que o próprio controle da inflação. Os fatores que hoje inspiram confiança na sua recuperação podem ser anulados pela volta do pessimismo e da perplexidade se não for apressada a derrubada da inflação que resiste mensalmente acima dos 20 por cento. Quase apenas simbólicos pouco ou nada perceptíveis no orçamento doméstico dos brasileiros, os pequenos pontos percentuais de queda mensal da inflação são altamente estimuladores de inquietações e turbulências na complicada travessia do túnel da recessão. O povo tem pressa.